

Assistência à criança neurodivergente e suas implicações práticas na terapia ocupacional

 Carolina Cangemi Gregorutti ¹,  Maria Madalena Moraes Sant'Anna ²,  Sarah Raquel Almeida Lins ³

¹ Universidade de Brasília - UnB. Faculdade de Ciências e Tecnologias em Saúde - FCTS. Campus Universitário - Centro Metropolitano, Ceilândia-Sul. Brasília – DF. Brasil. ² Universidade de São Paulo - USP. ³ Universidade de Brasília - UnB.

Autor para correspondência/Author for correspondence: gregorutti@unb.br

RESUMO. As pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) são um dos principais públicos de atuação do terapeuta ocupacional, especialmente durante o ciclo de vida da infância, e cujas práticas se voltam para a promoção de inclusão, independência e autonomia na realização de atividades cotidianas. Assim, este estudo identificou e analisou as práticas da Terapia Ocupacional junto a crianças com autismo, as implicações na participação delas em seus diversos contextos de vida, e discutiu sobre a responsabilidade ética da profissão junto a este público. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura que analisou 17 estudos publicados em revistas de Terapia Ocupacional brasileiras e que abordavam sobre práticas da profissão junto a crianças com autismo. Foram identificados onze artigos, publicados entre 2021 e 2022, período da pandemia da síndrome respiratória aguda grave – SARS/COVID. Há uma diversidade de temas, de perspectivas e de possibilidades frente às práticas da Terapia Ocupacional junto a este público. Discute-se sobre as implicações éticas em relação ao teleatendimento/ telemonitoramento, abordagem centrada na família e integração sensorial/brincar, a partir dos estudos identificados e das normativas referentes à profissão. Considera-se que o estudo acrescenta ao conhecimento da área e sugere-se que outros estudos busquem aprofundar as reflexões aqui apresentadas.

Palavras-chave: terapia ocupacional, ética, transtorno do espectro autista.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 10	e19573	UFNT	2025	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------



Assistance to neurodivergent children and its practical implications in occupational therapy

ABSTRACT. People with Autism Spectrum Disorder (ASD) are one of the main target groups of occupational therapists, especially during the childhood life cycle, and whose practices are aimed at promoting inclusion, independence and autonomy in carrying out daily activities. Thus, this study identified and analyzed Occupational Therapy practices with autism children, the implications for their participation in their different life contexts, and discussed the ethical responsibility of the profession with this public. Eleven articles were identified. The results revealed that eleven articles were published between 2021 and 2022, during the severe acute respiratory syndrome pandemic – SARS/COVID. There is a diversity of themes, perspectives and possibilities regarding Occupational Therapy practices with this public. The ethical implications in relation to telecare/telemonitoring, family-centered approach and sensory integration/to play are discussed, based on the identified studies and regulations relating to the profession. It is considered that the study adds to the knowledge of the area and it is suggested that other studies seek to deepen the reflections presented here.

Keywords: occupational therapy, ethic, autism spectrum disorder.

Asistencia a niños neurodivergentes y sus implicaciones prácticas en terapia ocupacional

RESUMEN. Las personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA) son uno de los principales grupos destinatarios de los terapeutas ocupacionales, especialmente durante el ciclo vital infantil, y cuyas prácticas están dirigidas a promover la inclusión, la independencia y la autonomía en la realización de las actividades diarias. Así, este estudio identificó y analizó las prácticas de Terapia Ocupacional con niños con autismo, las implicaciones para su participación en sus diferentes contextos de vida y discutió la responsabilidad ética de la profesión con ese público. Se trata de una revisión integradora de la literatura que analizó 17 estudios publicados en revistas brasileñas de Terapia Ocupacional y que abordaron las prácticas de la profesión con niños autistas. Se identificaron once artículos. Los resultados revelaron que once artículos fueron publicados entre 2021 y 2022, durante la pandemia del síndrome respiratorio agudo severo – SARS/COVID. Existe diversidad de temáticas, perspectivas y posibilidades en cuanto a las prácticas de Terapia Ocupacional con este público. Se discuten las implicaciones éticas en relación a la teleasistencia/telemonitorización, el enfoque centrado en la familia y la integración sensorial/juego, a partir de los estudios y normativas identificadas relativas a la profesión. Se considera que el estudio suma al conocimiento del área y se sugiere que otros estudios busquen profundizar las reflexiones aquí presentadas.

Palabras clave: terapia ocupacional, principio moral, desorden del espectro autista.

Introdução

A neurodivergência refere-se a uma variedade de condições neurológicas, tais como, Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC), Dislexia, Síndrome de Tourette, dentre outras (Chapman, 2019). Apesar de considerar o paradigma da neurodiversidade (Chapman & Botha, 2023), este manuscrito concentra-se no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).

Conforme o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-5 o Transtorno do Espectro do Autismo – TEA é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado pelas dificuldades de comunicação e interação social, e a presença de comportamentos restritos e repetitivos, podendo se apresentar de formas diferentes (Associação Americana de Psiquiatria, 2014).

O DSM-5 classifica o TEA segundo o nível de suporte necessário, sendo nível 1 quando o indivíduo necessita de pouco apoio, e apresenta características como a dificuldade de interação social; nível 2 que exige apoio substancial caracterizado pela inflexibilidade de comportamento, dificuldades consideráveis em iniciar e manter uma conversa, e de lidar com mudanças na rotina; nível 3 quando necessita de muito apoio substancial se caracteriza por prejuízos significativos na comunicação verbal, e na inflexibilidade de comportamento (Silva et al., 2023).

Nas últimas décadas, o número de diagnósticos de TEA passou de 1:150, em 2004, para 1:36, em 2020 (Maenner et al., 2023). Este aumento pode ter refletido no maior envolvimento de terapeutas ocupacionais na atuação junto às pessoas com TEA, cujas manifestações, comumente, iniciam-se na primeira infância. Este é o profissional transformador de saúde e educação, capaz de prevenir, melhorar, manter, estabelecer ou restabelecer o nível funcional de crianças com autismo, e são imprescindíveis na formação social e educacional dessas crianças, conhecendo e reconhecendo suas potencialidades e desenvolvendo ações que possibilitem a utilização de seus conhecimentos teórico-práticos (Trevisan & Della Barba, 2012).

As políticas públicas voltadas para estas crianças surgiram muitos anos após a Reforma Psiquiátrica, mais fortemente com a criação dos Centros de Atenção Psicossociais Infantojuvenis, no ano de 2005. E, apesar da Terapia Ocupacional (TO) já ter um histórico de

atuação junto a este público, foi a partir da criação destas políticas que eles passaram a ter maior visibilidade e, conseqüentemente, passou a se pensar, refletir e problematizar mais as necessidades específicas do TEA (Matsukura, Minatel & Fernandes, 2022).

Assim, ao refletir ações da TO deve-se considerar os ciclos de vida e ter objetivos e intervenções personalizadas para cada criança e em seu contexto cotidiano, com ênfase no desenvolvimento de habilidades específicas e que promovam participação em atividades funcionais. Contudo, consideram-se as ações não somente para a criança, mas também junto às suas famílias e busca-se oferecer ferramentas relacionadas ao cuidado diante dos desafios relacionados ao diagnóstico (Pfeifer & Sant'Anna, 2020).

Como resultado de pesquisas voltadas para a atuação da Terapia Ocupacional junto a crianças com autismo, por exemplo, Matsukura, Minatel e Fernandes (2022) apontam para a importância de se considerarem algumas premissas para a prática da Terapia Ocupacional, a saber: cada indivíduo é único, ainda que com características e padrões gerais do espectro; as possibilidades de ganho dependem da idade, gravidade e da rede de apoio; não há uma receita para o atendimento, mas sim complexidade que requer interdisciplinaridade; a demanda por participação social inclui o sujeito e seus familiares e/ou cuidadores; o objetivo é de alcançar um cotidiano de vida compartilhado e desejado considerando a unicidade do modo de ser e estar no mundo.

Com relação à prática dos profissionais de saúde, nos últimos anos portarias importantes estão sendo publicadas desde a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) estabelecendo políticas, como, por exemplo, as Redes de Atenção (Portaria n. 4.279, 2010) nas quais o cuidado passa a ser compreendido por meio de uma visão integrada dos diferentes níveis de atenção e requer ações combinadas de diferentes serviços e profissionais.

Em relação à Terapia Ocupacional, no Brasil, dentre os órgãos que organizam aspectos relacionados à profissão tem-se o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e o Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO). O primeiro é responsável pela elaboração de documentos que norteiam as práticas do terapeuta ocupacional, e dentre os principais documentos elaborados por este órgão que abordam sobre questões éticas tem-se a resolução de número 425, de 28 de julho de 2013, que estabelece o Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional, que aborda sobre diversas questões implicadas no cotidiano de práticas da profissão como, exemplo, sobre a capacidade técnica do profissional, a proteção ao cliente e seus familiares, o sigilo profissional, a adequação em

relação ao repasse de informações ao público atendido, o trabalho em equipe, a identificação profissional, responsabilidades do exercício profissional, o relacionamento com o paciente, as proibições e os deveres do profissional, dentre outros (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2013). Já o segundo (CREFITO) é responsável pela fiscalização do exercício profissional do terapeuta ocupacional, e busca fazer valer os documentos regulamentadores da profissão elaborados e publicados pelo COFFITO.

As práticas do terapeuta ocupacional podem promover participação e inclusão social, bem como o desenvolvimento de habilidades funcionais, e envolvem desafios éticos e responsabilidades que podem impactar diretamente o cotidiano e o contexto de vida de crianças com autismo. A responsabilidade ética do terapeuta ocupacional ao atender crianças com autismo é uma questão fundamental e se estende a todas as dimensões da interação entre o terapeuta, a criança, as famílias e toda comunidade envolvida.

Diante da necessidade de terapeutas ocupacionais desenvolverem, cada vez mais, intervenções pautadas na atenção integral à criança com autismo e seu entorno, este artigo se propôs a identificar e analisar as práticas da Terapia Ocupacional junto a crianças com autismo, as implicações na participação delas em seus diversos contextos de vida, e discutir sobre a responsabilidade ética da profissão junto a este público.

Método

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura que, conforme Souza, Silva e Carvalho (2010), busca proporcionar a síntese de conhecimentos de forma sistemática, ordenada e abrangente, incluindo a aplicabilidade de resultados de estudos significativos para a Prática Baseada em Evidências (PBE).

A revisão integrativa foi realizada de acordo com as seis etapas definidas por Mendes, Siqueira e Galvão (2008) e Souza, Silva e Carvalho (2010), sendo estas: definição da pergunta de pesquisa, determinação dos critérios de inclusão e exclusão, criação e organização do banco de dados, realização da análise crítica dos dados encontrados, discussão dos resultados achados e apresentação da revisão integrativa. Assim, a pesquisa foi iniciada a partir da seguinte pergunta: como a Terapia Ocupacional atua junto a crianças com autismo e quais são as implicações éticas em torno dessas práticas?

Como a nomenclatura *neurodivergente* não é muito utilizada em artigos de periódicos, considerou-se a utilização do termo crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA), ou crianças com autismo, a fim de ampliar o repertório de buscas e aprofundar na temática.

A busca foi realizada nas revistas nacionais de Terapia Ocupacional que estão em atividade, a saber: Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional de São Paulo e Revista Institucional Brasileira de Terapia Ocupacional. O intuito das pesquisadoras ao atribuírem somente estas revistas foi garantir o fácil acesso dos profissionais da terapia ocupacional aos textos acadêmicos da área de intervenção mesmo quando eles não estão inseridos na academia.

Para a coleta de dados, realizou-se previamente um teste de sensibilidade nos periódicos selecionados, com o intuito de compreender a amostra disponível para o estudo, conforme os Descritores em Ciências e Saúde (DeCS): “Terapia Ocupacional”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Estudos de Intervenção”, e também foram utilizados os termos livres (não encontrados no DeCS): “criança neurodivergente”, “autismo”, “criança com autismo”, “transtorno do espectro do autismo” e “revisão sistemática da literatura”. Porém, como o retorno da busca deixava de fora alguns estudos sobre o tema, para ampliação dos resultados, foi considerada a busca com as seguintes palavras-chaves: “terapia ocupacional” OR “transtorno do espectro autista” OR “autismo” OR “criança com autismo” OR “estudos de intervenção”.

Os critérios de inclusão determinados foram: estudos indexados nos últimos cinco anos, publicados em língua portuguesa, com textos disponíveis na íntegra, que abordassem sobre a Terapia Ocupacional e a intervenção junto a criança com autismo ou crianças com TEA. Foram excluídos estudos que não tinham foco no público citado e artigos repetidos.

A busca foi realizada nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2024 e retornou o total de 124 artigos, sendo 55 nos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional – UFSCar, 9 na Revista de Terapia Ocupacional de São Paulo – USP e 60 na Revista Institucional Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO.

De posse dos artigos foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão de forma rigorosa por meio de três etapas: a) *a primeira etapa*, em que foram analisados a data de publicação do artigo, o idioma e a disponibilidade do estudo na íntegra. Em seguida, foram excluídos aqueles com mais de cinco anos de publicação, não escritos em português, duplicados e não disponíveis na íntegra; e b) *a segunda etapa*, na qual foram verificados se os

textos abordavam sobre a Terapia Ocupacional e a intervenção junto a crianças com autismo e/ou neurodivergentes por meio da leitura do título e resumo e, nos casos em que houve incerteza em sobre a inclusão, foi realizada a leitura do método; e c) a terceira etapa, na qual 27 artigos foram lidos na íntegra e 10 deles foram excluídos por não abordarem sobre o tema.

Assim, 17 estudos compuseram a amostra desta pesquisa, sendo sete dos Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional – UFSCar, nenhum estudo da Revista de Terapia Ocupacional de São Paulo – USP e 10 da Revista Institucional Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO.

Os dados obtidos foram sistematizados em tabelas no programa *Microsoft® Word* e a análise ocorreu a partir do destaque dos resultados de cada estudo selecionado e do confronto destes com referenciais teóricos pertinentes e que respondiam à pergunta de pesquisa. Para a coleta e organização dos dados, seguida da análise crítica das informações encontradas, foi necessário um período de quatro meses durante o segundo semestre de 2023 e um mês no ano de 2024.

Resultados e Discussão

Os resultados são apresentados em duas partes: a primeira que aborda sobre a caracterização dos estudos em relação à fonte, autoria, ano de publicação e título, e a segunda que aborda sobre as implicações das práticas da Terapia Ocupacional junto à criança com autismo e/ou neurodivergente identificadas nos 17 estudos que compuseram a amostra.

Em relação à caracterização dos estudos, o presente estudo revelou que a maioria dos artigos foram publicados mais recentemente, nos anos de 2021 e de 2022 (n=11), a maioria deles na Revista Brasileira de Terapia Ocupacional – REVISBRATO (n=7), conforme indica o Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 - Caracterização do *corpus* da pesquisa

Nº	Título	Autor (es)	Ano	Periódico
1	Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19	Fernandes et al.	2021	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
2	Terapia com base em integração sensorial em um caso de Transtorno do Espectro Autista com seletividade alimentar	Oliveira e Souza	2022	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional

3	O telemonitoramento como estratégia de intervenção da terapia ocupacional com crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista no contexto pandêmico	Fernandes et al.	2022	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
4	Classificação da participação de crianças em ocupações nos contextos escolares na perspectiva da terapia ocupacional	Folha e Della Barba	2022	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
5	Efeito de um pacote de ensino sobre o desempenho de cuidadoras no treino de ocupações para crianças autista	Wu et al.	2023	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
6	Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos autista	Rosa, Matsukura, e Squassoni.	2019	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
7	O dançarinar como ato ético no acompanhamento de crianças em saúde mental	Silva e Lima	2020	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
8	O brincar para a criança com transtorno do espectro autista (TEA): possibilidade de intervenção da terapia ocupacional	Silva e Buffone	2021	RevisbraTO
9	Habilidades sociais em crianças com transtorno do espectro autista: uma análise da prática em Terapia Ocupacional	Leal, Gradim, e Souza	2020	RevisbraTO
10	A atuação do terapeuta ocupacional com base na Teoria da Integração Sensorial na assistência de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante a pandemia do Covid-19	Souza	2020	RevisbraTO
11	Atuação do terapeuta ocupacional na equoterapia em crianças com transtorno do espectro autista: estimulando a motivação sob a perspectiva do modelo da ocupação humana	Santos	2021	RevisbraTO
12	Terapia Ocupacional e telessaúde: relato de experiência de atendimento a criança com transtornos do desenvolvimento	Valverde et al.	2022	RevisbraTO
13	O Brincar no Cotidiano Familiar de Crianças com Transtorno do Espectro Autista	Jurdi e Silva	2021	RevisbraTO
14	Museu e frevo para todos: consultoria de terapia ocupacional na intersecção lazer e cultura	Queiroz et al.	2024	RevisbraTO
15	O reconhecimento dos sinais de autismo por profissionais atuantes nos serviços de puericultura na atenção básica	Costa e Guarany	2021	RevisbraTO
16	Equipe de teleatendimento da terapia ocupacional (E-TO): reflexões sobre a prática remota na infância e adolescência	Magalhães et al.	2022	RevisbraTO

17	Estudo comparativo acerca do desempenho motor entre grupo controle e crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Ataide et al.	2023	RevisbraTO
----	--	---------------	------	------------

Fonte: Elaborado pelas autoras com dados da pesquisa.

Verifica-se que a maioria dos artigos identificados foi publicado na Revisbrato. Sobre isto, aponta-se que, apesar do Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional da UFSCar ser um periódico em atividade desde 1990, enquanto a REVISBRATO iniciou as atividades mais recentemente no ano de 2017, acredita-se que a questão do pagamento de taxas para publicação pode ter influenciado a escolha dos autores.

Também verificou-se que a maioria dos estudos foi publicado nos anos de 2021 e 2022 (n=11), ano em que o Brasil ainda vivenciava um período de isolamento social devido à pandemia da síndrome respiratória aguda grave – SARS/COVID-19, o que pode ter motivado a realização de estudos voltados às pessoas com autismo, para os quais a pandemia pode ter impactado de forma ainda mais significativa, inclusive em relação às práticas realizadas pelo terapeuta ocupacional junto a este público que tiveram que se adaptar diante do contexto, conforme apontam os estudos de Fernandes et al. (2021), Fernandes et al. (2022), Valverde et al. (2022) e Magalhães et al. (2022).

Em relação à autoria verificou-se que apenas uma autora aparece em mais de um estudo (Fernandes et al., 2021; Fernandes et al., 2022), sugerindo que há uma diversidade de autores que abordam sobre a temática da terapia ocupacional e do TEA, e aponta para diferentes formas de se pensar a atuação da profissão junto a este público, o que enriquece as reflexões na área e amplia as possibilidades de práticas. Tal informação corrobora com o fato de que os estudos da amostra abordam sobre temas diversos de diferentes áreas de atuação da Terapia Ocupacional, e reforçam a diversidade de possibilidades de práticas junto a este público que perpassam as atividades realizadas no cotidiano da pessoa com autismo, envolvendo temas como a prática junto à pessoa com autismo no contexto da pandemia (Fernandes et al., 2021; Fernandes et al., 2022; Souza, 2020; Valverde et al., 2022; Magalhães et al., 2022), a integração sensorial junto à criança com autismo (Oliveira & Souza, 2022; Souza, 2020), a pessoa com autismo nos contextos escolares (Folha & Della-Barba, 2022; Rosa et al., 2019), cuidadoras e familiares de crianças com autismo (Wu et al., 2023), o uso da dança (Silva & Lima, 2020), utilização do brincar junto à criança com autismo (Silva & Buffone, 2021; Jurdi & Silva, 2021), habilidades sociais junto à criança com autismo (Leal,

Gradim & Souza, 2020), equoterapia junto à crianças autista (Santos, 2021), atividades de lazer e cultura (Queiroz et al., 2024), percepções de profissionais da atenção básica sobre o TEA (Costa & Guarany, 2021) e o desempenho motor de crianças com autismo (Ataíde et al., 2023).

As possibilidades de atuação da Terapia Ocupacional nesta área são refletidas na diversidade de abordagens, de objetivos e propostas de intervenções apresentadas nos estudos analisados, e que são apresentados mais detalhadamente no Quadro 2, no qual constam os objetivos e os principais desfechos de cada texto analisado, conforme segue.

Quadro 2 - Objetivos e principais desfechos dos estudos que compuseram a amostra

N	Objetivos	Principais desfechos
01	Refletir a partir de aspectos teórico-práticos sobre os desafios e as possíveis implicações da atual pandemia no cotidiano de crianças e adolescentes autista, apresentando possibilidades de cuidado fundamentadas na Atenção Psicossocial junto a essa população e suas famílias.	Identificou contribuições da Terapia Ocupacional na organização da rotina, intervenções informacionais, apoio à família, entre outras. Como efeito positivo, consideraram as demandas da família e, de forma mais ampliada, a importância do coletivo e da comunidade, e apresentou possibilidades de práticas da profissão a partir da Atenção Psicossocial, enfatizando o cuidado em saúde mental infantojuvenil fundamentado em diretrizes.
2	Analisar a relação entre seletividade alimentar e a disfunção do processamento sensorial em criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e acompanhar sua evolução com abordagem terapêutica de intervenção sensorial.	Apresentou a sistematização de intervenção em Terapia Ocupacional com base na Medida de Fidelidade em Integração Sensorial de Jean Ayres; Evidenciou a necessidade de uma avaliação longitudinal para estas intervenções, e uma avaliação que cumpra a necessidade do olhar para demandas específicas não contempladas em protocolos específicos; Destaca a contextualização das experiências em brincadeiras simbólicas que permitiram a criança desenvolver aspectos cognitivos e o faz de conta.
3	Relatar a experiência de um projeto de extensão universitária no que tange ao telemonitoramento de crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas famílias.	Intervenções a partir do Telemonitoramento frente à pandemia da COVID - 19; Evidenciou a implementação de estratégias ligadas às atividades de vida diária como quadros de rotina e de execução das tarefas básicas como escovar os dentes, construção de relógios para pactuação de rotinas na casa e para a família, entre outros.
4	Analisar formas de participação infantil em ocupações nos contextos escolares e propor critérios para classificação dessa participação, na perspectiva da terapia ocupacional.	Identificou processos em Terapia Ocupacional a partir da perspectiva ocupacional para favorecer a percepção de diferentes formas de participação, viabilizando a noção de fazer parte, a interação social, o interesse, a iniciativa e a motivação para o engajamento em ocupações, identificando a participação de cada criança na escola. Ações centradas em 3 eixos da Educação Infantil: autocuidado, brincar e aprendizagem formal.

5	Elaborar e avaliar a aplicação de um pacote de treinamento para cuidadores de crianças autista, para o ensino de preparo de sanduíche e escovação de dentes.	Apresentou intervenções em Terapia Ocupacional centradas no cuidador da criança com autismo focalizando comportamentos colaborativos; Treinamento para cuidadores com vídeos e avaliação do desempenho; Evidenciou que o treinamento pode auxiliar a ampliação de outras AVDS e AIVDs da criança.
6	Identificar perspectivas de familiares de adultos autista em relação às instituições que se propõem a atenção aos autistas na vida adulta. Identificar como foi o percurso escolar, os aspectos positivos e desafios, sob o ponto de vista de seus familiares.	Verificou a necessidade de atendimento integral para pessoas com autismo, que englobe a área pedagógica, social e terapêutica; Destacou a importância da realização de planejamentos individuais, para desenvolvimento das potencialidades de cada sujeito, com atividades também na área recreativa e cultural; Revelou a necessidade de infraestrutura física e de recursos humanos capazes de acolher as diversas necessidades das pessoas autistas, e a importância da oferta de atendimento em tempo integral para famílias que necessitem deste suporte.
7	Relatar uma história composta por questões pertinentes à clínica da atenção psicossocial com crianças e jovens	Apresentou a perspectiva psicossocial na atuação do terapeuta ocupacional junto uma criança com autismo, incluindo-os na construção do cuidado em saúde mental infantojuvenil. Ao longo da escrita, são pinçadas problematizações sobre: o trabalho grupal no CAPSij, a corporeidade das crianças e dos adultos e as estratégias de produção do comum.
8	Investigar as contribuições do brincar como recurso terapêutico para o desenvolvimento da interação social de uma criança com autismo.	Mensurou aspectos do brincar a partir das intervenções de Terapia Ocupacional e realizou discussão a respeito do brincar e o quanto ele está atrelado ao comportamento social necessário para as habilidades exigidas no cotidiano de uma criança com autismo.
9	Realizar intervenções com atividades lúdicas e treino de habilidades sociais em uma oficina terapêutica para crianças diagnosticadas autista durante um período de cinco meses com oito crianças de 3 a 5 anos	Apresentou intervenções em Terapia Ocupacional com atividades terapêuticas em grupos com crianças e adolescentes com autismo que os pesquisadores nomearam como programa para treino de habilidades sociais.
10	Descrever a atuação do Terapeuta Ocupacional no Telemonitoramento através do uso da dieta sensorial.	Realizou a construção de um programa de intervenção a partir da estruturação de uma dieta sensorial, considerando circuitos psicomotores, AVDs e AIVDs. Mostrou uma forma inovadora de estruturação de atividades, considerando os aspectos sensoriais das crianças, suas ocupações, habilidades e fragilidades no brincar, a rotina familiar e as percepções do cuidador, tendo como linha de base do raciocínio terapêutico ocupacional, o Modelo da Ocupação Humana (MOHO).
11	Analisar a atuação do terapeuta ocupacional em equoterapia a partir de um raciocínio clínico atrelado aos componentes do Modelo da Ocupação Humana no acompanhamento de um praticante com Transtorno do Espectro Autista, a fim de estimular sua motivação e socialização.	Descreveu intervenções de equoterapia com um profissional da Terapia Ocupacional junto a crianças com autismo; O programa utilizado na prática do terapeuta ocupacional desta análise foi a hipoterapia.

12	Relato de experiência do estágio obrigatório do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional e da Especialização em Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) da Universidade Federal de Minas Gerais durante a pandemia do vírus SARS COVID 19.	Revelou que as possibilidades de implementação do teleatendimento e telemonitoramento na Terapia Ocupacional foram perceptíveis tanto nas avaliações individuais, quanto nas interações entre estagiários e familiares. Sugeriu que a telessaúde pode ser uma opção válida de intervenção para crianças com transtornos do desenvolvimento, sendo importante a realização de estudos com metodologia mais estruturada.
13	Investigar como famílias de crianças com autismo propiciam o brincar no seu cotidiano e o papel dos parentes nessa atividade	Observou que cuidado e brincar se encontram dissociados, de modo que, na rotina familiar, cabe à mãe, o cuidado dos filhos, e fica ao encargo dos pais exercerem o papel de agentes lúdicos. Destaca-se a importância de uma rede de suporte que auxilie a família da criança, que é parceira no processo terapêutico ocupacional e auxiliam para que o brincar criativo possa estar presente nesse processo.
14	Relatar experiência de estudantes e docentes em projeto de extensão universitária com crianças com autismo, visitando o Museu Paço do Frevo, Recife, PE, Brasil.	Informou que para engajamento na ocupação de lazer, a qual exige maior relação social e interpessoal foi preciso realizar acomodações sensoriais no Museu Paço do Frevo. Terapeutas ocupacionais têm a expertise de apoiar e acolher a pessoa com autismo, oferecendo estímulos apropriados ao processamento sensorial em prol do engajamento no lazer, de forma prazerosa, potencializando a autonomia, o pertencimento e contribuindo com a consciência ocupacional do indivíduo.
15	Investigar o conhecimento dos profissionais que atuam na puericultura da rede pública de saúde das Unidades Básicas de Saúde (UBS) na cidade de Pelotas sobre o reconhecimento dos sinais de Autismo em crianças com idade até 03 anos	Revelou a urgência do desenvolvimento de um programa de educação permanente para profissionais que atuam nas UBS, especialmente os que atuam na puericultura, pois são quem mantêm uma relação com as crianças atendidas na atenção básica desde o nascimento e necessitam ter um olhar atento a sinais atípicos no desenvolvimento infantil. Destacam que o terapeuta ocupacional avalia problemas relacionados ao engajamento nas ocupações presentes na rotina dos indivíduos, que, no caso das crianças, é o brincar e a realização das Atividades de Vida Diária-AVD.
16	Relata a criação do serviço remoto de Terapia Ocupacional, descrevendo seu processo organizacional, coordenado para assistir 16 famílias de crianças com transtornos do desenvolvimento.	Descreveu intervenções a partir da abordagem centrada na família e destacou a utilização dos princípios da Teoria de Integração Sensorial, proposta por Ayres (1972), em sete dos casos. O teleatendimento e telemonitoramento de Terapia Ocupacional representaram uma experiência positiva, aproximando o estágio à prática já referenciada pela literatura internacional, mas que trouxe desafios compartilhados tanto pelas famílias como pela equipe (instabilidade de internet, dificuldade com rotina familiar e de trabalho e adocimentos de familiares).

17	Comparar as habilidades motoras de crianças de dois grupos: controle composto por crianças com desenvolvimento neurotípico e o outro de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista.	Evidenciou as principais áreas que podem ser comprometidas pelo TEA quando comparadas ao desenvolvimento neurotípico, quais sejam: de ordem sociocomunicativa, comportamental, na aprendizagem e no desempenho motor. Reforçou que podem ser apresentadas as seguintes dificuldades: motricidade, coordenação motora, práxis, esquema corporal, percepção visual, equilíbrio e em outros domínios do desenvolvimento motor.
----	---	---

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa.

Diante da diversidade de intervenções encontradas nos estudos, para melhor organização e discussão dos dados, foram construídas categorias a partir das principais intervenções apontadas pelos autores, sendo elas: a) Teleatendimento/Telemonitoramento; b) Participação e Desempenho Ocupacional; c) Abordagem Centrada na Família; e d) Abordagens de Integração Sensorial, que foram discutidas a partir das necessidades éticas do terapeuta ocupacional.

a) *Teleatendimento/ Telemonitoramento*: Nesta categoria foram incluídos os estudos de número 3, 10, 12 e 16, sendo que dois deles além de citarem intervenções de teleatendimento também relatam o tipo de abordagem utilizada, por vezes, centrada nas questões de estímulos sensoriais às crianças com autismo ou mesmo treinamento aos familiares para o convívio dos sintomas específicos apresentados por cada criança.

Ressalta-se que maioria dos estudos ocorreu no contexto da pandemia da COVID - 19 (Fernandes et al., 2021; Fernandes et al., 2022; Souza, 2020; Valverde et al., 2022; Magalhães et al., 2022). Sobre este aspecto, no Brasil, o atendimento remoto era proibido pelo COFFITO, conforme o Código de Ética da profissão (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2013), e foi flexibilizado por meio da Resolução nº 516, de 20 de março de 2020, que dispõe sobre a suspensão temporária do Artigo 15, inciso II e Artigo 39 da Resolução COFFITO nº 424/ 2013 e Artigo 15, inciso II e Artigo 39 da Resolução COFFITO nº 425 de 2013 e estabelece outras providências durante o enfrentamento da crise provocada pela Pandemia da COVID-19 (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2020). Por meio da resolução supracitada, o documento permitiu o atendimento não presencial nas modalidades de teleconsulta, teleconsultoria e telemonitoramento, e explicitou o funcionamento destas modalidades de atuação, que podem ser realizadas de forma síncrona ou assíncrona.

Embora o documento informe que esta Resolução pode ser alterada a qualquer momento, considera-se que o atendimento nesta modalidade é especialmente importante em contextos como o de atendimento a crianças com autismo, pela possibilidade de acessar contextos de vivência deste público, incluindo o ambiente domiciliar e escolar, as pessoas e a dinâmica familiar, sendo aspectos considerados pelo terapeuta ocupacional em seu processo de intervenção em vistas à inclusão ou viabilização da participação social, da autonomia e da independência delas em seu cotidiano.

Independente do contexto de atuação, as orientações em relação às questões éticas da profissão são incorporadas ao trabalho realizado, incluindo a confidencialidade, o respeito à dignidade humana, o registro dos atendimentos, a elaboração de relatórios e de devolutivas condizentes com o nível socioeconômico e cultural do cliente, dentre outros, conforme preconiza o Código de Ética da profissão (Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, 2013). Além da garantia da privacidade das sessões terapêuticas, respeitando as preferências e necessidades dos clientes (Associação Americana de Psiquiatria, 2014). Concernente a preservação do sigilo e confidencialidade de toda sessão de TO, todas as informações contidas neste tipo de intervenção devem ser armazenadas em arquivos digitais, sendo estes controlados por senha e acessado somente pelo TO responsável, não sendo publicado posteriormente nenhuma informação pessoal.

Os riscos envolvidos neste tipo de intervenção devem ser considerados pelo profissional, uma vez que todo plano de ação deverá passar por atitudes iniciais, como exemplo, o treinamento e a segurança da família ao utilizar a ferramenta tecnológica/digital, com o objetivo de propiciar segurança e prevenir qualquer tipo de desconforto físico ou emocional ao seu cliente.

Trata-se de uma forma muito eficaz, principalmente no que diz respeito a propostas de consultorias colaborativas em escolas, por exemplo, pois a facilidade com deslocamentos, gastos financeiros, pontualidade, devem ser consideradas. Contudo, para amenizar possíveis riscos, caso haja um desconforto, ou certo constrangimento por parte dos envolvidos nas intervenções, esse tipo de ação deve ser imediatamente interrompido, a fim de respeitar os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes.

B) Participação e Desempenho Ocupacional: Nesta categoria foram incluídos estudos que relatavam ações ligadas à participação e engajamento nas diversas ocupações, bem como as áreas de autocuidado, produtividade e lazer, os componentes, espirituais, físicos,

socioculturais e mentais, de desempenho. Assim, os estudos 4, 7, 8, 9, 11, 15 e 17 foram incluídos nesta categoria. Entende-se que crianças com autismo podem apresentar demandas relacionadas às habilidades de interação social, comunicação, comportamento e interesses, que tem relação direta com o desempenho ocupacional (Cabral, 2022), foco da atuação do terapeuta ocupacional. Em relação às atividades de vida diária, que envolvem o autocuidado, o vestir-se, alimentar-se, cuidar da higiene pessoal, etc, os estudos revelam que as ações buscam promover autonomia e independência funcional sempre considerando não somente a criança com autismo, mas também seus cuidadores familiares (Silva & Buffone, 2021; Ataíde et al., 2023).

Um destaque importante identificado na amostra diz respeito às ações que envolvem o contexto escolar (Folha & Della Barba, 2022). Neste contexto, as estratégias visam melhorar a atenção, concentração e habilidades de aprendizagem podem auxiliar a criança a ter sucesso na escola e a alcançar seu potencial acadêmico, incluindo o uso de técnicas de gerenciamento de tempo, organização e adaptações no ambiente escolar para atender às necessidades individuais da criança. Ao considerar o entorno da criança com autismo, possibilita-se compreender profundamente as necessidades individuais, as características específicas, as realidades vividas, os contextos os quais estão inseridas, as suas preferências e todos os desafios enfrentados, fortalecendo as competências das famílias em relação a si mesmas, de suas crianças e de toda rede de suporte envolvida, com foco na autonomia e no desenvolvimento de estratégias adaptativas cotidianas (Costa & Silva, 2020).

Pensar em ações de participação e de desempenho ocupacional envolvem intervenções cujas as atividades são selecionadas com base em instrumentos de avaliação que juntamente com a observação clínica elencam os interesses e demandas ocupacionais da criança, e são usadas como meio de alcançar os objetivos elencados tanto pelas famílias e suas crianças, como pelos terapeutas ocupacionais, neste sentido, a American Occupational Therapy Association (Associação Americana de Terapia Ocupacional, 2020) informa que a prática profissional do terapeuta ocupacional é orientada por princípios éticos que garantam ações justas, respeitosas e benéficas aos clientes.

C) Abordagem Centrada na Família: Para a discussão desta categoria, os artigos 1, 5, 6, e 13 serão utilizados, norteando a discussão de que a atuação do terapeuta ocupacional junto à criança com autismo envolve intervenções diretas à criança e, também, ações junto aos pais e comunidade, uma vez que eles enfrentam desafios em relação ao cuidado de seus filhos

e a si. Assim, a Abordagem Centrada na Família envolverá a família no processo terapêutico em todas as etapas da intervenção, desde a criação do vínculo, elaboração de plano de atendimento, práticas e processo de alta, por exemplo, em prol do desenvolvimento da criança (Dunst & Bruder, 1999).

Por meio desta abordagem é oferecido suporte, recursos e orientações sobre estratégias de manejo com a criança, esclarecimentos de informações necessárias em relação ao caso, orientações sobre o acesso a serviços de apoio, e cuidado em relação à saúde do familiar, seja por meio de orientações, intervenções diretas ou por encaminhamentos necessários. A importância do apoio dos terapeutas é fortalecida pela participação ativa da família no processo terapêutico (Jurdi & Silva, 2021; Wu et al., 2023). Além disso, podem auxiliar os pais a estabelecerem uma interação satisfatória com seus filhos, viabilizando melhor vivência e acompanhando suas descobertas, permitindo com que os pais possam conhecer e reconhecer a condição de existência de seu filho (Ferland, Sant'Anna & Pfeifer, 2022).

Isso é alcançado ao estabelecer relações efetivas com os pais e envolvê-los na definição de metas e durante as sessões de terapia (Roiz & Figueiredo, 2023). Além disso, a Terapia Ocupacional pode atuar juntamente com a família nas demandas e desafios dos pais no processo do diagnóstico, desenvolvendo estratégias práticas e funcionais para lidar com as dificuldades de comunicação, interação social e comportamento do filho com autismo, bem como podem orientar as famílias a acessarem recursos da comunidade, como grupos de apoio voltados para famílias com crianças com autismo (Costa & Silva, 2020).

A divulgação de informações relevantes, o entendimento das opções de tratamento e a capacidade de tomar decisões são ações que fazem parte da concessão informada, uma das orientações éticas em relação à prática da profissão (Associação Americana de Terapia Ocupacional, 2020). Essa abordagem fortalece os laços entre a família e a criança com autismo, capacitando os pais no cuidado e apoio ao seu filho, e valorizando a inclusão dos irmãos e cuidadores nas rotinas familiares, por meio de educação, comunicação e participação (Riccioppo, 2023). A articulação da intervenção junto à família e cuidadores pode melhorar as relações interpessoais e a qualidade das interações sociais da criança, contribuindo para sua inclusão nos seus diversos contextos de vida e bem-estar emocional.

D) *Abordagem de Integração Sensorial*: A intervenção do terapeuta ocupacional junto à criança com autismo requer uso de abordagens específicas, pois, muitas vezes, os profissionais lidam com contextos desafiadores e exigentes ao mesmo tempo que se deparam

com progressos e conquistas importantes. Uma abordagem de intervenção comumente utilizada pelos terapeutas ocupacionais junto a crianças com autismo é sustentada na Teoria de Integração Sensorial de Jean Ayres (1972), que realizará ações no que se refere aos transtornos neurológicos que geram dificuldades na interpretação, no processamento e na percepção da informação sensorial advinda do meio ambiente e do próprio corpo via informações sensoriais chamados de Transtornos do Processamento Sensorial (TPS) (Almohalla, 2020).

Nos artigos 2 e 14 destacam-se as ações da terapia ocupacional centradas não só nas crianças com autismo, mas também no seu entorno. A Terapia Ocupacional utiliza estratégias sensoriais e lúdicas para promover a integração sensorial e o desenvolvimento de habilidades motoras e sociais. Assim, com base na avaliação e intervenção para TPS, os terapeutas ocupacionais acolhem as necessidades da criança, incluindo intervenções sensoriais para auxiliar a criança a regular seus estímulos sensoriais, terapia de integração sensorial para melhorar a percepção e processamento sensorial, intervenções para acomodações sensoriais em contextos diversos, intervenções motoras para desenvolver habilidades motoras finas e grossas, e programas de treinamento de habilidades sociais para promover interações sociais positivas e funcionais, garantindo assim, a assistência e o cuidado à criança com autismo com implicações significativas na participação em diferentes contextos de vida, como em casa, na escola e na comunidade também em abordagens específicas.

Neste contexto, o cotidiano de práticas diário envolve questões éticas que precisam ser manejadas pelo profissional, para garantir uma prática segura e que corresponda aos documentos orientadores da profissão. Para isto, torna-se essencial que o terapeuta ocupacional aprimore continuamente sua competência profissional, buscando por educação e treinamento especializados, o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos específicos sobre o TEA e suas intervenções terapêuticas, e a adesão a padrões éticos e melhores práticas reconhecidas pela profissão.

Neste sentido, o terapeuta deve colaborar de forma eficaz com outros profissionais tanto da saúde como da educação envolvidos no cuidado da criança com autismo, comunicando-se de maneira clara e eficaz, compartilhando informações relevantes, coordenando o planejamento e a implementação de intervenções e respeitando as competências e contribuições de cada membro da equipe. Ao incorporar esses princípios éticos em sua prática clínica, o terapeuta ocupacional pode desempenhar um papel

significativo no apoio ao desenvolvimento e no bem-estar desse público, promovendo uma abordagem respeitosa e culturalmente sensível.

Estes resultados reforçam a importância da atuação junto à essa população, bem como a diversidade de perspectivas e de possibilidades da Terapia Ocupacional frente a estas práticas, especialmente quando se considera que a assistência e o cuidado proporcionados às crianças com autismo e visam promover seu desenvolvimento global. Além disso, considera-se que fundamental reconhecer e respeitar a diversidade cultural e individual delas e de suas famílias. Isso inclui compreender as crenças, valores e práticas culturais que podem influenciar a percepção e a abordagem em relação ao seu diagnóstico clínico, bem como considerar as necessidades específicas de cada criança com base em sua identidade cultural e experiências pessoais.

A depender do nível de suporte necessário é comum apresentarem demandas em relação ao cotidiano, e as principais intervenções podem se basear em acompanhamentos de cunho individual e intensivistas, com métodos e abordagens educativas, comportamentais, emocionais, motoras ou até sensoriais se houver manifestações com implicações nas grandes áreas do desenvolvimento infantil (Agridino-Ramos, Lemos & Salomão, 2019). A responsabilidade ética envolve o respeito à dignidade e autonomia do cliente, a promoção da justiça social, a equidade no acesso aos serviços de saúde, o respeito à autonomia da criança, a colaboração interprofissional e a prática baseada em evidências científicas, considerando os documentos normativos da profissão, bem como buscando orientações e apoios necessários.

Considerações Finais

Nas intervenções realizadas pelos terapeutas ocupacionais os dilemas éticos acontecem principalmente relacionados à confidencialidade das informações, consentimento informado, respeito à diversidade cultural e tomada de decisões compartilhadas com os pais e cuidadores. Entretanto, guiado pelos documentos nacionais e internacionais que orientam as práticas da profissão, o terapeuta ocupacional busca garantir a responsabilidade ética de forma eficaz e respeitosa.

É importante considerar que o presente estudo se limitou a fontes nacionais de revistas específicas de Terapia Ocupacional, e sugere-se que outros estudos desta natureza envolvam a coleta de dados em outras fontes de buscas mais abrangentes para a identificação de estudos

realizados por terapeutas ocupacionais sobre o tema aqui tratado e que podem ter sido publicados em fontes não específicas da profissão.

Considera-se que o estudo acrescenta ao conhecimento por refletir sobre questões éticas implicadas na prática do terapeuta ocupacional junto à criança com autismo, e sugere-se que novas reflexões busquem aprofundar as discussões aqui apresentadas.

Referências

Agripino-Ramos, C. S., Lemos, E. L. M. D., & Salomão, N. M. R. (2019). Vivências escolares e Transtorno do Espectro Autista: o que dizem as crianças? *Revista Brasileira de Educação Especial*, 25(3), 453–468. <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300007>

Almohalla, L. (2020). Intervenção de terapia ocupacional junto a crianças com transtorno do processamento sensorial. In Sant'Anna, M. M. M., & Pfeifer, L. I. (Orgs.). *Terapia Ocupacional na Infância: procedimentos na prática clínica* (pp. 220-231). São Paulo: Memnon.

Associação Americana de Psiquiatria. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5a ed.). Porto Alegre: Artmed.

Associação Americana de Terapia Ocupacional. (2020, 18 de dezembro). *Código de Ética*. Recuperado de: <https://www.aota.org/About/Get-Involved/Leadership/Ethics.aspx>

Ataide, C. E. R., Ribeiro, N. G. S., Miranda, N. T. C., Guimarães, M. S. S., Okuda, P. M. M., & Silva, R. L. M. (2023). Estudo comparativo acerca do desempenho motor entre grupo controle e crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 7(1), 1558–1574.

Ayres, A. J. (1972). *Sensory integration and the child*. Los Angeles: Western Psychological Services.

Cabral, C. P. (2022). *Correlações entre distúrbios do espectro do autismo e apraxia de fala na infância*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Chapman, R. (2019). Neurodiversity Theory and its Discontents: Autism, Schizophrenia, and the Social Model. In Tekin, S., & Bluhm, B. *The Bloomsbury companion to philosophy of psychiatry* (p. 371). London: Bloomsbury Academic.

Chapman, R., & Botha, M. (2023). Neurodivergence-informed therapy. *Developmental Medicine and Child Neurology*, 65(3), 310–317. <https://doi.org/10.1111/dmcn.15384>

Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. (2013). Resolução nº 425, de 08 de julho de 2013. Estabelece o Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional. *Diário Oficial da União*, 147, Seção 1.

Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. (2020). Resolução nº 516, de 20 de março de 2020. Dispõe sobre a suspensão temporária do Artigo 15, inciso II e Artigo 39 da Resolução COFFITO nº 424/2013 e Artigo 15, inciso II e Artigo 39 da Resolução COFFITO nº 425/2013 e estabelece outras providências durante o enfrentamento da crise provocada pela Pandemia do COVID-19. *Diário Oficial da União*, 56, Seção 1.

Costa, C. S., & Guarany, N. R. (2021). O reconhecimento dos sinais de autismo por profissionais atuantes nos serviços de puericultura na atenção básica. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 5(1), 31–44. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto33841>

Costa, F. C. S., & Silva, D. B. R. (2020). Intervenções de terapia ocupacional e crianças com Transtorno do Espectro Autista: a abordagem da integração sensorial e os desafios de participação. In Sant'Anna, M. M. M., & Pfeifer, L. I. (Orgs.). *Terapia Ocupacional na Infância: procedimentos na prática clínica* (pp. 232–264). São Paulo: Memnon.

Dunst, C. J., & Bruder, M. B. (1999). Family and community activity settings, natural learning environments, and children's learning opportunities. *Children's Learning Opportunities Report*, 1(2). Recuperado de: <http://www.uconnuccdd.org/pdfs/EverydayActSett-2006.PDF>

Ferland, F., Sant'Anna, M. M. M., & Pfeifer, L. I. (2022). *Modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional*. Campinas: Memnon.

Fernandes, A. D. S. A., Farias, A. Z., Aureliano, I., & Polli, L. M. (2022). O telemonitoramento como estratégia de intervenção da terapia ocupacional com crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista no contexto pandêmico. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3091. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE233830911>

Fernandes, A. D. S. A., Speranza, M., Mazak, M. S. R., Gasparini, D. A., & Cid, M. F. B. (2021). Desafios cotidianos e possibilidades de cuidado com crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) frente à COVID-19. *Brazilian Journal of Occupational Therapy*, 29(1). <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAR2121>

Folha, D. S. C., & Della Barba, P. C. S. (2022). Classificação da participação de crianças em ocupações nos contextos escolares na perspectiva da terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO21962907>

Jurdi, A. P., & Silva, C. C. B. (2021). O brincar no cotidiano familiar de crianças com transtorno do espectro autista. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional-REVISBRATO*, 4(5), 549–562. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto3976>

Leal, B. S. F. M., Gradim, L. C. C., & Souza, V. R. B. (2020). Habilidades sociais em crianças com transtorno do espectro autista: uma análise da prática em Terapia Ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 5(6), 121–131. <https://doi.org/10.47222/2526-33945.rbto>

Maenner, M. J., Warren, Z., Williams, A. R., Amoakohene, E., Bakian, A. V., Imagens, D. A., ..., & Shaw, K. A. (2023). Prevalência e características do transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos - Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências de Desenvolvimento, 11 locais, Estados Unidos, 2020. *Resumos de Vigilância MMWR*, 72(2), 1-<https://doi.org/14.10.15585/mmwr.ss7202a1>

Magalhães, I. M., Oliveira, L. A. D., Santos, V. S., Campos, C. D. R., Santos, A. A., Oliveira, D. G. D., ... & Oliveira, K. D. (2022). Equipe de teleatendimento da Terapia Ocupacional (e-TO): reflexões sobre a prática remota na infância e adolescência. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 6(4), 1385–1396. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto41889>

Matsukura, T. S., Minatel, M. M., & Fernandes, A. D. S. A. (2022). Terapia ocupacional e o transtorno do espectro do autismo: considerações para intervenções na singularidade, diversidade e complexidade. In Figueiredo, M. O. (Org.). *Terapia ocupacional no ciclo de vida da infância: histórico, proposições atuais e perspectivas futuras* (pp. 111–119). São Paulo: Memnon Edições Científicas.

Mendes, K. D. S., Silveira, R. C. D. C. P., & Galvão, C. M. (2008). Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 17, 758–764. <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>

Oliveira, P. L. D., & Souza, A. P. R. D. (2022). Terapia com base em integração sensorial em um caso de Transtorno do Espectro Autista com seletividade alimentar. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e2824. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoRE21372824>

Pfeifer, L. I., & Sant'Anna, M. M. M. (2020). *Terapia Ocupacional na Infância: procedimentos na prática clínica*. São Paulo: Memnon.

Portaria n. 4.279, de 30 de dezembro de 2010. (2010, 30 de dezembro). Estabelece diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Recuperado de: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2010/prt4279_30_12_2010.html

Queiroz, A. G., Falcão, I. V., Mattos, A. C. A., Silva, A. B. C., Barros, L. I. G., Alves, M. G., & Silva, M. D. (2024). Museu e frevo para todos: consultoria de terapia ocupacional na intersecção lazer e cultura. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 8(1). <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto56116>

Riccioppo, M. R. P. L. (2023). *Experiências de familiares cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista e apoio social: subsídios para o cuidado* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Roiz, R. G., & Figueiredo, M. de O. (2023). O processo de adaptação e desempenho ocupacional de mães de crianças no transtorno do espectro autista. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, e3304. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO25263304>

Rosa, F. D., Matsukura, T. S., & Squassoni, C. E. (2019). Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 27, 302–316. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1845>

Santos, J. R. D. (2021). Atuação do terapeuta ocupacional na equoterapia em crianças com transtorno do espectro autista: estimulando a motivação sob a perspectiva do modelo da ocupação humana. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 5(2). <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto35199>

Silva, G. S., & Buffone, F. R. R. C. (2021). O brincar para a criança com transtorno do espectro autista (TEA): possibilidade de intervenção da terapia ocupacional. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 5(2). <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto36473>

Silva, J. A., & Lima, E. M. F. D. A. (2020). O dançarinar como ato ético no acompanhamento de crianças em saúde mental. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28, 1234–1250. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1945>

Silva, M. L. A., Bianchini, L. G. B., Proscêncio, P. A., & Yaegashi, S. F. R. (2023). Reflexões sobre as nomenclaturas referentes ao transtorno do espectro autista. *Faculdade Sant'Ana Em Revista*, 7(2), 465–485. Recuperado de: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/fsr/article/view/2552>

Souza, M. T. D., Silva, M. D. D., & Carvalho, R. D. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, 8, 102–106.

Souza, V. R. B. (2020). A atuação do terapeuta ocupacional com base na Teoria da Integração Sensorial na assistência de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) durante a pandemia do Covid-19. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 4(3). <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34026>

Trevisan, J. G., & Della Barba, P. C. D. S. (2012). Reflexões acerca da atuação do terapeuta ocupacional no processo de inclusão escolar de crianças com necessidades educacionais especiais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 20(1). <https://doi.org/10.4322/cto.2012.010>

Valverde, A. A., Pêgo, C., Silva, E. F. P., Navarro, K. C. S. F., Bispo, L. S., Pereira, R. D. P. C., ... & Cardoso, A. A. (2022). Terapia Ocupacional e telessaúde: relato de experiência de atendimento a criança com transtornos do desenvolvimento. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, 30, 1044–1052. <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto42793>

Wu, S. V., Guimarães, M. S. D. S., Paixão, G. M. D., & Silva, Á. J. M. E. (2023). Efeito de um pacote de ensino sobre o desempenho de cuidadoras no treino de ocupações para crianças com TEA. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 31, e3314. <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO253633141>

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 17/01/2025
Aprovado em: 10/03/2025
Publicado em: 15/06/2025

Received on January 17th, 2025
Accepted on March 03rd, 2025
Published on June, 15th, 2025

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No Funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Gregorutti, C. C., Sant'Anna, M. M. M., & Lins, S. R. A. (2025). *Assistência à criança neurodivergente e suas implicações práticas na terapia ocupacional*. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 10, e19573.

ABNT

GREGORUTTI, C. C.; SANT'ANNA, M. M. M.; LINS, S. R. A. *Assistência à criança neurodivergente e suas implicações práticas na terapia ocupacional*. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 10, e19573, 2025.